

Desde o início da chamada nova república a retórica do PMDB vem se alternando entre atribuir as dificuldades econômicas a erros do regime autoritário e a fazer proposta de fundo ideológico que tentam se sobrepor à realidade.

O autoritarismo jogou o Brasil em muitos desvios, mas a crítica histórica, para ser fiel aos fatos, deve abrir espaço para que desmascarem inverdades em cima das quais venderam-se ilusões aos brasileiros. A moratória na dívida externa é uma dessas panacéias que têm servido apenas para realimentar os apelos ideológicos. Quanto mais cedo o Brasil sair dessas armadilhas, melhor.

É com propriedade que o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, refere-se ao que aconteceu entre o ano passado e este ano, quando foram, inclusive, adulterados os resultados da nossa balança comercial. A moratória nunca teve uma razão técnica para constranger os nossos credores a aceitarem propostas de renegociação da dívida externa. Tornou-se inevitável porque o Brasil ficou sem caixa. Só agora, que foram divulgados os dados corretos do comércio exterior, sabemos que desde setembro do ano passado nossas reservas começaram a sangrar violentamente.

As reservas foram dilapidadas com desinvestimentos, importações descontroladas e em meio à onda consumista gerada pelo plano cruzado, que desarticulou inteiramente as empresas privadas e levou o país aos estampidos inflacionários do início deste ano, quando começou o descongelamento dos preços. Como bandeira de esquerda, a moratória deixou subprodutos que nem a melhor capacidade digestiva intelectual conseguirá transformar em algo palatável para a sociedade brasileira. Mais de um líder empresarial tem apontado os efeitos do estrangulamento que se criou no comércio exterior e o clima de incertezas em torno do que queríamos, ou não, com as exportações e importações.

O empresário Antônio Ermirio de Moraes aponta um dos desvios ao observar que os gargalos no comércio exterior desequilibram os termos da competição entre as empresas nacionais e as estrangeiras, que têm mais acesso a recursos financeiros e matérias-primas. Dificuldades para importar são sempre mais bem toleradas pelas multinacionais que pelas empresas nacionais. Para que serviu a ideologia da dívida, afinal?

O que o Brasil precisa é retirar a ideologia da política econômica, partindo para medidas pragmáticas que permitam os ajustes necessários com o fundo monetário e com os credores e que sejam aceitáveis pela sociedade. O Brasil tem que garantir dinheiro novo para repor suas reservas. Realizar um ajuste interno para preservar a liquidez internacional, promover as exportações que ajudarão a sair da recessão interna e cortar o déficit público para que o ajuste seja mais permanente.

O grande problema brasileiro está em gerar uma economia interna coerente e com taxa de investimento sustentável, o que passa pela limitação da apropriação da poupança pelo Estado. A alternativa para uma reaceleração do crescimento econômico com a geração de novos empregos é o arrocho salarial, que começa a ser contestado pelas empresas públicas e termina em aumento da carga tributária ou confisco da poupança, para atender às folhas de pagamento ou justificar gastos improdutivos, enquanto as taxas de investimentos caem a níveis críticos. Convém lembrar que o gatilho salarial — outro dos artifícios vendidos através do mesmo pacote ideológico que gerou a moratória — caiu por incapacidade dos estados para cobrirem os custos de suas folhas.

Essa falência pública deve dar lugar a uma vigorosa estratégia de privatização dos investimentos, combinada com a conversão de dívida externa, único meio de reacelerar rapidamente a taxa de oferta de empregos sem gerar um crescimento inflacionário.